

MACKINNON, DWORKIN E PORNOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AGÊNCIA E ESTRUTURA SOCIAL

Thiago Henrique Bagio da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Fagner Carniel (Orientador),
Carla Cecilia Rodrigues de Almeida (Coorientadora). E-mail: ra128183@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Sociologia / Sociologia do Conhecimento

Palavras-chave: Catharine MacKinnon; feminismo; pornografia; Ronald Dworkin.

RESUMO

O trabalho a seguir analisa as contribuições da jurista e ativista feminista estadunidense Catharine MacKinnon e do jurista e filósofo estadunidense Ronald Dworkin para o debate acerca da pornografia, comparando como as noções sociológicas de “agência” e “estrutura” se articulam em suas respectivas obras. Metodologicamente o texto foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica de textos selecionados dos autores sobre a temática da pornografia. Como conclusões, argumentamos que MacKinnon entende a pornografia enquanto uma dinâmica estrutural de dominação e opressão das mulheres, e que a análise de Dworkin sobre o tema não é realizada a partir das categorias de agência e estrutura, estando ela voltada a discussão de temas como liberdade de expressão, e não à defesa da possibilidade de autonomia feminina a partir da pornografia.

INTRODUÇÃO

A pornografia é um dos temas controversos trazidos pelo movimento feminista ao debate público. Nos anos 1970, sobretudo nos Estados Unidos, a questão emerge em um contexto marcado pela repressão sexual conservadora e pelo avanço da contracultura ligada à emancipação sexual e reprodutiva. Nesse cenário, consolidam-se as chamadas *Feminist Sex Wars* (Silva, 2023), que dividiram o feminismo entre correntes antipornografia e pró-sexo.

As feministas antipornografia, como Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin, defendem que a pornografia é expressão do patriarcado, explorando e objetificando os corpos femininos para o prazer masculino. Para elas, a pornografia não apenas reflete, mas produz e legitima a dominação, incitando a violência de gênero e reforçando a supremacia masculina. MacKinnon enfatiza a sexualidade como a principal esfera de desigualdade, o que levou a propostas jurídicas de criminalização, como em Minneapolis em 1983.

Essa perspectiva, entretanto, foi criticada por seu caráter determinista, que fixaria homens e mulheres em papéis rígidos. Em contraposição, as feministas pró-sexo

reconhecem o sexismo da pornografia comercial, mas rejeitam sua proibição como caminho emancipatório. Defendem, ao contrário, a criação de uma pornografia alternativa, com narrativas eróticas que questionem a hegemonia. Carole Vance, por exemplo, destaca que, embora a sexualidade feminina seja atravessada por violências, ela também abre espaço para descobertas e práticas disruptivas. A contenção da violência masculina, segundo Vance, acabou silenciando igualmente o desejo das mulheres, que enfrentam oposição não só dos homens, mas também de setores antipornografia do feminismo.

As feministas pró-sexo, assim, reivindicam a centralidade da sexualidade na agenda feminista, propondo ressignificar a pornografia a partir de representações alternativas. Esse intenso e controverso debate sobre pornografia revela, portanto, divergências teórico-políticas que expõem diferentes ideias sobre a relação entre sexualidade e opressão que atualizam e reintroduzem o tema da liberdade de agência e dos condicionantes estruturais da ação humana. É a partir dessa tensão que se inscrevem as análises de Catharine MacKinnon e Ronald Dworkin, eixo central deste trabalho, cujo objetivo é compará-los e discutir como as noções de “agência” e “estrutura” se articulam em suas obras.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica que possibilitou a identificação e a análise do capítulo *Defamation and discrimination*, do livro *Only Words* (1996), e o artigo *Pornography as defamation and discrimination* (2007), ambos da jurista e ativista feminista estadunidense Catharine MacKinnon, e os artigos *Two concepts of liberty* (1991) e *Women and pornography* (2006), do jurista e filósofo estadunidense Ronald Dworkin.

O primeiro movimento desta pesquisa foi a tradução, do inglês para o português, dos quatro textos analisados. Em seguida, foi elaborada uma esquematização analítica das ideias de MacKinnon e Dworkin acerca da temática da pornografia. A partir da comparação entre tais perspectivas teóricas, produzi minhas conclusões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das obras de Catharine MacKinnon (1996; 2007) sobre pornografia pode ser organizada em três eixos: (I) sua natureza epistêmica; (II) o caráter pedagógico de gênero; e (III) sua inserção em uma dinâmica estrutural de dominação das mulheres. Os textos analisados, além de sustentar uma perspectiva anti-pornográfica, também têm caráter de intervenção política no contexto histórico em que a autora está inserida.

MacKinnon (1996) argumenta em *Only Words* que a pornografia não deve ser vista apenas como discurso, mas como uma ação com efeitos concretos, como o crescente fenômeno da violência contra mulheres. Nesse sentido, critica a defesa da pornografia como liberdade de expressão, pois, em sua visão, ela não só reproduz

como também reforça as desigualdades e violências de gênero existentes. Para a autora, o discurso é em si mesmo um instrumento de opressão que constrói e sustenta hierarquias sociais, produzindo danos reais às mulheres.

MacKinnon (2007) concebe a pornografia como um “instrumento pedagógico de gênero”, responsável por ensinar e reforçar a submissão feminina e a dominação masculina. Para ela, a pornografia não apenas representa, mas atualiza e naturaliza a violência sexual, moldando percepções e comportamentos: homens associam sexo à dominação e mulheres internalizam a submissão. Sua ampla acessibilidade contribui para agressões e estupros, dessensibiliza os homens diante da violência e perpetua hierarquias de gênero, reforçando a misoginia.

MacKinnon (1996; 2007) entende a pornografia como parte central de uma estrutura de dominação masculina que subjuga as mulheres. Ao lucrar com esta dinâmica, a indústria pornográfica contribui com a perpetuação da desigualdade sexual e de gênero dentro de uma estrutura social de dominação. Neste quadro estrutural, a agência feminina é praticamente anulada, já que a indústria pornográfica perpetua a opressão e a vulnerabilidade das mulheres.

Ronald Dworkin, em perspectiva liberal, analisa a pornografia em debate crítico com Catharine MacKinnon, priorizando a liberdade de expressão – discutida em *Two Concepts of Liberty* (1991) e *Women and Pornography* (2006). O autor estranha o foco das feministas radicais em combater a pornografia, por considerar seu alcance limitado frente a outros meios midiáticos mais influentes na reprodução do sexismo.

Ainda assim, reconhece sua centralidade no feminismo radical, por simbolizar de forma explícita a ideia de que as mulheres existem para satisfazer o desejo masculino.

O argumento central de Dworkin (2006) defende a noção de liberdade de expressão como uma condição essencial à democracia, mesmo reconhecendo que a pornografia não possui valor político ou intelectual intrínseco. Para ele, proibi-la enfraqueceria a Primeira Emenda norte-americana e abriria espaço para o Estado censurar discursos.

Desse modo, Dworkin refuta três pontos de MacKinnon: a suposta relação entre pornografia e crimes sexuais; a ideia de que ela silencia as mulheres; e a noção de que todas as atrizes pornô atuam sob coerção. Além disso, o autor também critica o “argumento igualitário” de MacKinnon, alertando que permitir censura em nome da igualdade criaria um perigoso precedente de repressão. Portanto, na concepção de Dworkin (2006), liberdade e igualdade se complementam, e a luta contra a opressão deve ocorrer no espaço público plural de debate.

CONCLUSÕES

A questão da agência e da estrutura é central na Sociologia contemporânea. A noção de agência pode ser entendida como possibilidade de ação dos sujeitos. A noção de estrutura, por sua vez, como as dinâmicas sociais que os enquadram.

Nos textos de MacKinnon, a dominação masculina aparece como estrutura social evidente, o que praticamente elimina a agência dos sujeitos. Para ela, a pornografia é apenas uma expressão da opressão das mulheres, sem possibilidade de ser vista como a manifestação de liberdades individuais. Sua análise, portanto, tende a

reduzir dinâmicas sociais complexas a manifestações de violência e opressão, privilegiando então a perspectiva estrutural das relações sociais.

Dworkin, por outro lado, não se insere no debate sociológico sobre agência e estrutura. Sua crítica a MacKinnon parte da defesa da liberdade de expressão – e não da possibilidade de autonomia sexual feminina. Portanto, ao realizar esta pesquisa, percebi que para discutir as relações entre agência e estrutura ativadas pelo fenômeno da pornografia, seria mais proveitoso analisar o confronto entre MacKinnon e feministas pró-sexo, que oferecem uma alternativa à sua posição antipornografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá pelo fomento através da bolsa de iniciação científica, e ao Prof. Dr. Fagner Carniel e a Prof^a. Dra. Carla Almeida, ambos do Departamento de Ciências Sociais, pelas orientações concedidas durante o período de realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

DWORKIN, Ronald. Two concepts of liberty. *In*: ULLMANN-MARGALIT, Edna; MARGALIT, Avishai (ed.). **Isaiah Berlin: a celebration**. 1. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

DWORKIN, Ronald. Women and pornography. *In*: SPECTOR, Jessica (ed.). **Prostitution and pornography: philosophical debate about the sex industry**. 1. ed. Stanford: Stanford University Press, 2006.

MACKINNON, Catharine. Defamation and discrimination. *In*: MACKINNON, Catharine. **Only words**. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

MACKINNON, Catharine. Pornography as defamation and discrimination. *In*: MACKINNON, Catharine. **Women's lives, man's laws**. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

SILVA, Mirian Borges da. Do feminismo radical ao feminismo pró-sexo: como a pornografia é vista?. **Primeiros Estudos: Revista de Graduação em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 102-123, 2023.